

Notícias tristes dos velhos amigos: a Alemanha pós-Segunda Guerra na correspondência de Henrique da Rocha Lima (1945-1950)

Sad news from old friends: Germany after World War II in the letters of Henrique da Rocha Lima (1945-1950)

André Felipe Cândido da Silva¹

andrefelipe@usp.br

Resumo: O artigo explora a correspondência do cientista brasileiro Henrique da Rocha Lima com conhecidos alemães depois da Segunda Guerra. Tem em mira apresentar como as cartas registraram a percepção do colapso dos anos imediatamente posteriores ao conflito, bem como os dilemas e contradições dos governos estabelecidos pelas potências vencedoras. Nesse espaço de diálogo que desfia as tramas daquele contexto histórico, o brasileiro informou-se e analisou o percurso que partiu da penúria e destruição de 1945 e chegou a um território dividido, cada qual submetido ao regime político e ideológico das duas potências que passaram a disputar a hegemonia no cenário político mundial.

Palavras-chave: Henrique da Rocha Lima, correspondências, nazismo, pós-guerra, guerra fria.

Abstract: The article explores the correspondence of the Brazilian scientist Henrique da Rocha Lima with German friends after World War II. It intends to present how the letters record the perception of the collapse of the years immediately following the war and the dilemmas and contradictions of governments established by the victorious powers. Through this dialogue that unraveled the plots of that historical context, Henrique da Rocha Lima learned about and analyzed the development that led from famine and destruction in 1945 to a divided territory, each part submitted to the political and ideological regime of the two powers that began to strive for hegemony in world politics.

Key words: Henrique da Rocha Lima, correspondence, Nazism, post-war period, cold war.

¹ Pós-doutorando no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). Artigo realizado com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

“Meu sofrimento está com você e com as vítimas inocentes do terrível sofrimento e catástrofe que desaba sobre a Alemanha”, escreveu o microbiologista e patologista brasileiro Henrique da Rocha Lima ao amigo de Berlim, o médico Fritz Munk, nas vésperas do Natal de 1945. Antes, durante e depois da Segunda Guerra, os dois mantiveram intensa correspondência; analisaram a tomada do poder pelos nazistas; rejubilaram-se com as conquistas diplomáticas

e militares de Hitler e, por fim, lamentaram a situação de penúria que se abateu sobre a Alemanha em consequência da guerra. Nesse espaço de encontro “físico e afetivo” que é a correspondência (Gomes, 2004), os dois amigos trocaram impressões sobre o colapso e ruína acarretados pelo conflito e os impasses da ocupação pelas tropas aliadas; um deles, por meio de um relato testemunhal de quem estava no vórtice dos acontecimentos e no cenário de desolação marcado pelos bombardeios e pelos sobreviventes que lutavam para manter condições mínimas de vida. Neste trabalho, o circuito privado da correspondência de Rocha Lima, não só com Fritz Munk, mas também com outros colegas e amigos alemães, será abordado como uma perspectiva das relações Brasil-Alemanha depois da Segunda Guerra. O objetivo é apreender como os dramáticos acontecimentos que se seguiram ao conflito foram registrados pelos correspondentes do pesquisador brasileiro e analisados por ele próprio.

Como indiquei em trabalho sobre a trajetória científica de Rocha Lima (Silva 2011), as abundantes cartas que ele trocou com amigos, colegas, autoridades e instituições da Alemanha e de outras localidades consistem no principal testemunho da abrangência de sua rede de sociabilidade intelectual. Ademais, revelam as estratégias que acionou na “conquista e manutenção de posições sociais, profissionais ou afetivas” (Gomes, 2004, p. 21) e na afirmação de sua identidade pessoal. Trata-se, aqui, de analisar como os diferentes correspondentes apontaram, a partir de suas subjetividades e circunstâncias vividas, o desenrolar dos eventos e processos que tiveram lugar no pós-guerra. Eles registraram, nas linhas escritas, o intrigante percurso que parte do cenário de devastação e penúria, em 1945, e chega ao vertiginoso desenvolvimento econômico ocorrido depois da reforma monetária de 1948. Assinalam, ainda, as tensões iniciais e desconfianças mútuas entre as forças de ocupação aliadas presentes desde o fim da guerra – americanos, britânicos e, em menor medida, franceses, em relação aos soviéticos – e sua progressão nos anos seguintes. As discordâncias entre dois sistemas mundiais opostos aos poucos avultar-se-iam na condução da “questão alemã” e levariam à conformação geopolítica marcante da segunda metade do “breve século XX” – a Guerra Fria – cuja expressão mais eloquente ergueu-se em meio à ex-capital do “Reich” alemão. Nesse sentido, importa menos caracterizar o perfil dos vínculos envolvidos na troca epistolar do que realçar a ótica assumida pelos missivistas no registro do contexto do pós-guerra. Não é interesse aqui tomar as cartas como forma de “escrita de si”, ou seja, de constituição de subjetividades e memórias a partir desse “arquivamento do eu” (Gomes, 2004), mas de abordá-las como vestígios de uma experiência dramática de profundas implicações na constituição da(s)

moderna(s) república(s) alemã(s), relatada à distância a um espectador brasileiro.

As correspondências que cruzaram o Atlântico pelo correio aéreo ou convencional constituem domínio pertinente de investigação dos fluxos de ideias e projetos que podem ser enquadrados na abordagem da chamada história transnacional. No caso em estudo, as cartas são traços de um diálogo que atravessou fronteiras de nacionalidade. Elas encerraram distintas perspectivas de espaços e formações sócio-históricas, bem como formas diferenciadas de percepção do mundo de acordo com as vivências e repertórios culturais de cada autor. Além de representarem circuito de intercâmbio de ideias autônomo em relação ao Estado, característica marcante nas relações transnacionais (Rinke, 1996, p. 35), as cartas, na maior parte das vezes, constituem a dimensão privada dos atores envolvidos em tais relações. Distanciando-nos dos acordos militares, diplomáticos e econômicos e fluxos migratórios que marcaram as relações bilaterais Brasil-Alemanha na primeira metade do século XX, encontramos nas missivas rica e dinâmica troca de experiências, expectativas, projetos e anseios. No que concerne ao pós-Segunda Guerra, essa troca compartilhou das esperanças e desenganos de uma geração ávida por um novo começo.

O artigo parte de breve descrição do posicionamento de Rocha Lima e seus correspondentes em relação à Alemanha nazista e à Segunda Guerra. Em seguida, concentra-se em temáticas alusivas ao contexto pós-1945 em suas diferentes dimensões, sempre associadas ao modo como foram abordadas na troca epistolar.

Um “tradutor” de culturas, um diálogo bilíngue

Muito embora Rocha Lima escrevesse aos alemães a partir de cenário afastado pela distância geográfica, mas, principalmente, pelas experiências atordoantes da guerra e suas consequências, havia um campo comum de interesses e crenças que viabilizava esse diálogo. Nascido no Rio de Janeiro em 24 de novembro de 1879, o médico brasileiro completou sua formação em microbiologia e patologia em Berlim, entre 1901 e 1903, e em Munique, entre 1906 e 1908. Em 1909, rumou para Jena, onde assumiu o cargo de assistente de patologia do seu ex-professor, Hermann Dürck. Ficou poucos meses em Jena, pois logo se mudou para Hamburgo, atendendo a convite para tornar-se pesquisador do renomado Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais (*Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten*, atual *Bernhard Nocht Institut für Tropenmedizin*), também conhecido à época como *Tropeninstitut*. Entre 1909 e 1927, Rocha Lima viveu na cidade hanseática, na qual de-

envolveu a parte mais prolífica de sua produção científica e atuou em favor das relações intelectuais e culturais entre Brasil e Alemanha (Silva, 2011). Nesse período, adquiriu conhecimento vasto e profundo do *habitus* alemão, resultante, como demonstra Norbert Elias (1997), do processo de formação histórica daquele império tardio em 1870-1871.

Ao viver na Alemanha e se integrar de forma bem-sucedida ao hierárquico sistema acadêmico germânico, o médico brasileiro ganhou fluência no idioma daquele país e também percepção dos estilos de pensamento, vivência e convivência de seu povo. Esse domínio de um código cultural estrangeiro não foi tanto o corolário lógico da longa estada no país, mas resultante de sua capacidade individual de apreensão, análise e manejo das condições locais. A compreensão igualmente perspicaz das circunstâncias de seu país de origem capacitou Rocha Lima a atuar como “tradutor” desses dois mundos e promover, dessa forma, o intercâmbio intelectual teuto-brasileiro.

É bastante relevante o fato de que Rocha Lima realizou sua principal obra – a identificação do agente causador do tifo exantemático e de nova categoria de microrganismos, as riquetsias – durante a Primeira Guerra Mundial, evento que forjou em solo alemão uma “comunidade de experiências”, cujas frustrações e expectativas concorrerem para o desenrolar das tramas da história nos anos seguintes. A experiência de 1918 é o pano de fundo contra o qual os sobreviventes perceberam e analisaram 1945. Foi durante as pesquisas sobre o tifo feitas na Polônia, entre 1916 e 1918, que Rocha Lima e Fritz Munk se tornaram amigos. Munk se encontrava no país vizinho com o mesmo objetivo do colega brasileiro: estudar o tifo e um novo quadro patológico que ganhava contorno naqueles anos: a chamada febre das trincheiras, febre da Volínia ou febre dos cinco dias.²

Igualmente importante é o fato de Rocha Lima ter compartilhado da contrariedade e ressentimento em relação ao Tratado de Versalhes e de ter se engajado avidamente na recuperação da Alemanha em termos de prestígio cultural-científico e influência no exterior. Já de volta ao Brasil, ele torceu para que a Alemanha superasse as difíceis condições impostas pela crise econômica mundial de 1929 e reconquistasse a posição que havia ocupado antes da Primeira Guerra. “Eu me alegraria sinceramente se isto acontecesse e se a Alemanha viesse a ocupar o alto lugar que lhe é de direito entre as nações”, escreveu o brasileiro a Fritz Munk em 9 de junho de 1934 (Centro de Memória do Instituto Biológico de São Paulo - CMIBSP, 09/06/1934). Se esse objetivo fosse atingido sem que o povo alemão fosse levado à guerra, então

“certamente Adolf Hitler poderia ser considerado, e com razão, o maior gênio político de todos os tempos”, afirmou mais adiante na mesma carta. Com essa mentalidade, rejubilou-se mais tarde com o sucesso da diplomacia nazista em Munique, onde ficou decidido, em conferência de setembro de 1938, que a região dos Sudetos seria anexada à Alemanha. Um mês depois escreveu a Munk:

Não podíamos imaginar nem em sonhos que um dia iríamos ver essa imensa vitória da Alemanha vinda por cima, sem guerra [...] Munique, nossa querida Munique, será para sempre o símbolo de uma vitória definitiva da paz após a Guerra Mundial [...]; o marco da entrada num tempo de melhor equilíbrio e entendimento na Europa (CMIBSP, 20/10/1938).

Para Rocha Lima, esse “sucesso” contrastava com o discurso antigermânico que, segundo ele, tornava-se cada dia mais presente na imprensa brasileira. Esta seria municiada com toda sorte de “invenções, maluquices e calúnias” pelas agências *Havas* e *United Press*. “Diante de tudo isso, não há nada melhor do que gritar: ‘Sieg Heil’”, emendou, irritado com a tendência em se apostar no fracasso dos alemães (CMIBSP, 20/10/1938). O mesmo tom marcaria as cartas durante a guerra. A deflagração do conflito em agosto de 1939 não diminuiu o ânimo do médico brasileiro em relação à Alemanha de Hitler: “Então agora chegou a guerra há tanto tempo temida [...] A Guerra aproximou-nos há 23 anos. Hoje, como naquela época, preocupamo-nos com seu desfecho”, escreveu Rocha Lima a Munk dias depois da invasão da Polônia (CMIBSP, 12/09/1939). Se, por um lado, torceu para que a conquista da Polónia pusesse fim à guerra, por outro, o médico brasileiro disse temer uma guerra prolongada e sangrenta com os franceses, o que só poderia ser prevenido com uma invasão à França (CMIBSP, 12/09/1939). “Meu maior desejo nesse momento é evitar que os alemães vençam as batalhas e os ingleses, a guerra”, escreveu na mesma carta, em que mais uma vez criticou a predominância da propaganda anglófila no Brasil. Meses depois, Rocha Lima compartilhou com Munk a alegria pela vitória das tropas alemãs na invasão da Noruega e Dinamarca em abril de 1940 (CMIBSP, 11/04/1940). Munk se admirava de como o amigo mantinha-se em São Paulo mais bem informado que ele (CMIBSP, 27/04/1940).

Rocha Lima elogiou igualmente a política industrial levada a cabo por Getúlio Vargas, no Brasil, durante a guerra, a qual fora impulsionada em grande medida pela estratégia de “equidistância pragmática” que

² Rocha Lima também teve participação nos estudos sobre a febre das trincheiras, causada por microrganismo bastante semelhante ao agente do tifo identificado por ele. Das pesquisas que fez com Munk resultaram dois artigos que publicaram juntos em 1917.

o ditador manteve entre alemães e norte-americanos até 1942 (Moura, 1980, p. 62). A pressão crescente dos EUA sobre o Brasil incomodou o pesquisador, conforme carta a Munk de 06 de dezembro de 1941: “Temos que fazer tudo e concordar com todos os desejos do senhor Roosevelt [...] Há pouco, nosso querido vizinho e amigo do peito desferiu-nos forte golpe ao impedir todas as nossas exportações de algodão para o Canadá” (CMIBSP, 06/12/1941) Nessas alturas, o brasileiro conjecturou que a resistência da Rússia às tropas de Hitler iria estender a guerra (CMIBSP, 06/12/1941).

É oportuno mencionar que Rocha Lima não estava alheio à política de perseguição e envio dos judeus aos campos de concentração. Seu colega de Hamburgo, o bacteriologista de origem judaica Martin Mayer, que emigrou para a Venezuela em 1939, informou-lhe das agruras que a irmã havia sofrido num deles. “É, Rocha, esta guerra é um retorno para a escuridão da Idade Média”, comentou Mayer (CMIBSP, 22/11/1941).

Com a entrada do Brasil na Guerra em 1942 e os eventos que transcorreram a partir das batalhas cruentas no *front* oriental parece ter havido interrupção na correspondência com os alemães, retomada depois da assinatura da rendição, pela Alemanha, em abril de 1945.

O colapso no pós-guerra

Já em março de 1944. Fritz Munk relatou a Rocha Lima que a devastação em Berlim era “inacreditável e indescritível” (CMIBSP, 10/03/1944). Àquela altura, a sorte da guerra tinha virado totalmente em favor dos aliados, e a população alemã vivenciava menos a confiança instilada pela máquina de propaganda de Goebbels do que um *déjà vu* dos traumas de 1918. As perdas dos alemães em Estalingrado e no Norte da África, a aterrissagem dos aliados na Itália e os bombardeios provocaram uma mudança de ânimos mesmo entre alguns líderes nazistas (Söseman, 2002, p. 148). Diferentemente do “último recurso” nas mãos do *Führer* – que a propaganda divulgou mesmo depois de ele ter se matado em seu *bunker*, em 30 de abril de 1945 – o que veio foi a vitória dos aliados, que marcharam sobre um território devastado e cidades completamente arruinadas. Na primavera de 1945, não eram apenas as casas que estavam em ruínas, mas também os alicerces daquilo que constitui uma sociedade: “tradições haviam perdido sua legitimidade; as orientações para o futuro, seu poder de convicção, as normas morais, sua força constitutiva e o meio social, seu efeito de ligação” (Süss e Süss, 2008, p. 98).

Para Rocha Lima, havia sido “um crime contra o povo alemão” a estratégia das autoridades nazistas de levar a guerra até o esgotamento total das forças de luta, que

ao final incluíram jovens e idosos recrutados às pressas e mal armados (CMIBSP, 24/12/1945). Quando Berlim foi ocupada pelas tropas soviéticas, consistia em montes de escombros. A maior parte das cidades alemãs foi vitimada pelos bombardeios aliados. Milhares de pessoas estavam mortas ou desaparecidas. Havia esperanças de que estas estivessem nos campos soviéticos de prisioneiros. Os sobreviventes, reduzidos a farrapos humanos, perambulavam em busca de comida. “A miséria geral está em constante avanço [...] a condição geral de nutrição é catastrófica”, relatou Munk ao amigo brasileiro em janeiro de 1946 (CMIBSP, 02/01/1946). Na zona ocupada pelos norte-americanos, os alemães tinham de passar o dia com ração que não excedia 860 calorias (Judt, 2008, p. 35). Residente na Hamburgo ocupada pelos ingleses, a ex-esposa de Rocha Lima, Alice Josephine Madelung, relacionou a “ração” fornecida a eles como consistindo de ¼ de litro de leite ralo, 50 gramas de gordura, 125 gramas de carne e 100 gramas de açúcar. “Frutas, legumes frescos, macarrão, doce, cacau, chá, café, banha, são para nós conceitos estranhos”, comentou (CMIBSP, 04/03/1947). Segundo ela, tinham de esperar no mínimo uma hora para receber o leite; um pão de cerca de 1,4 kg tinha de durar por toda a semana (CMIBSP, 26/05/1947). De acordo com Munk, a situação na zona inglesa era das piores em Berlim: ali, a quantidade diária de calorias variava de 1.200 a 1.500 calorias ainda em 1947. Na zona francesa, não era muito diferente. Os filhos de Munk, Klaus e Bärbel, que viviam em Tübingen, estavam passando por muitas privações na alimentação (CMIBSP, 20/10/1947).

Segundo Munk, a má nutrição favorecia a altíssima mortalidade infantil. Esta atingira níveis ainda mais alarmantes quando grassou epidemia de difteria em Berlim. Ainda de acordo com o médico alemão, na zona ocidental também incidia a tuberculose. Na divisão de territórios e da capital alemã entre os vencedores, a residência do clínico ficou em região controlada pelos russos. Outro testemunho da incidência da tuberculose em decorrência das condições de penúria é dado por relato do patologista Walter Büngeler, que, entre 1936 e 1942, foi professor da Escola Paulista de Medicina, em São Paulo, mas que fora obrigado a retornar à Alemanha quando o Brasil entrou na guerra. Büngeler estabeleceu-se em Kiel, no norte do país, onde, segundo ele, a tuberculose havia se tornado epidemia bastante comum, mas com características tão modificadas, que não poderia identificá-la nem mesmo através de uma análise anatomopatológica (CMIBSP, 12/05/1947). Munk comentou que efeitos colaterais orgânicos decorrentes da subnutrição, nunca antes observados, tornavam a atividade médica naqueles anos “extraordinariamente variada e interessante” (CMIBSP, 20/10/1947).

Ainda de acordo com Munk, Berlim havia vivenciado a guerra de forma mais dramática do que a

maioria dos soldados em batalha. Ele relatou que eles haviam passado por coisas terríveis, desde os bombardeios diários até a tomada da cidade (CMIBSP, 18/09/1946). A ex-esposa de Rocha Lima, Alice Madelung, escreveu que “o antigo centro de gravidade do mundo intelectual” conservava apenas os últimos vestígios da velha cultura (CMIBSP, 04/08/1948). Judt (2008, p. 30) informa-nos que, nos 14 dias finais da guerra, a capital alemã suportara 40 toneladas de bombas, as quais deixaram 75% dos prédios da cidade inabitáveis. A cidade hanseática não se encontrava em situação muito melhor: sofreu cerca de 213 bombardeios até cair nas mãos dos britânicos. Em Berlim – relata-nos novamente Munk – tudo o que havia sobrado depois dos ataques e não havia sido saqueado era objeto de troca. O comércio reduzira-se ao escambo, em que o cigarro figurava como moeda corrente. O mercado negro florescia, oferecendo produtos a preços abusivos. Apenas pessoas que possuíam resquícios do patrimônio acumulado e cujas casas não haviam sido bombardeadas podiam adquirir os artigos, relatou Alice, de Hamburgo (CMIBSP, 17/12/1947). “A Alemanha que você conheceu não existe mais. Sua destruição avança a cada dia em passos largos, enquanto ainda existe algo para ser destruído”, escreveu Munk ao amigo com o qual compartilhara a crença na “capacidade alemã” (CMIBSP, 14/08/1946).

Em setembro de 1946 Munk, qualificou as circunstâncias como “deprimentes” (CMIBSP, 18/09/1946). Apesar da “enorme penúria”, disse não poder se queixar; estava plantando verduras e batatas nos jardins e recebia donativos dos pacientes. O fato de ser médico garantia-lhe também alguns privilégios e bom trânsito entre as autoridades aliadas, afirmou. A batata tornou-se a base da dieta dos berlinenses. A possibilidade de ela faltar nos canteiros causava enorme apreensão em Munk (CMIBSP, 12/01/1949). Segundo ele, era consumida principalmente na forma desidratada. Alice Madelung menciona a Rocha Lima certo professor Holthusen, que cultivava em seu jardim verduras e tomates. “Todos nós tornamo-nos pequenos plantadores!”, acrescentou (CMIBSP, 26/05/1947). “[...] nossos jardins, que antes tinham apenas gramado e flores, são agora revolvidos para dar lugar à atividade agrícola”, declarou Joseph Halberkann (CMIBSP, 26/01/1947), que trabalhou no departamento de química do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo entre 1914 e 1922 (Mannweiler, 1998, p. 117), permanecendo na cidade hanseática durante e depois da guerra. Ele e a esposa cultivavam e processavam tabaco para o próprio consumo, já que cigarro era produto caro. “Na miséria até o diabo come moscas e um pardal na mão é melhor que um pombo no teto”, justificou. Eles

havam se desacostumado de coisas como limões, laranjas, cacau, nozes, passas, groselha, figos, castanhas, coco, etc. “Elas existem apenas nas nossas lembranças e nos contos de fada”, lamentou Halberkann (CMIBSP, 26/01/1947).

De acordo com Munk, há tempos o hábito de comer carne tornara-se algo completamente incomum entre sua família, que agora passara a incluir sob o mesmo teto o filho, a nora e os netos (CMIBSP, 14/08/1946 e 18/09/1946). Relato semelhante também é dado por Alice: “Bolo de carne ao qual você antes se referia como ‘comida de cocheiro’ tornou-se para nós uma *delicatessen* que gostaríamos de ter todo dia e que nos faz pular de alegria quando a temos num domingo” (CMIBSP, 11/11/1946).

Halberkann comentou que o problema da alimentação não era tanto a escassez de víveres, mas a possibilidade de gerar receita para comprá-los do exterior. Segundo ele, a tomada de porções do território alemão a leste privava o país de parte significativa da região agrícola, obrigando a importação de alimentos, mas as possibilidades de trabalho que gerariam produtos para exportação e pagamento dos importados eram praticamente nulas. Para o pesquisador, a restrição na importação de alimentos devia-se também a limitações propositais no transporte (CMIBSP, 19/06/1946).³ Em seu trabalho no hospital, pôde notar a deficiência em gordura e proteína pelo alto índice de edema, com taxas de proteína no sangue reduzidas a 4%. Atribuiu isso ao alto preço da gordura no mercado negro, que muitas vezes nem era óleo de verdade, mas sucedâneos. A situação não poderia melhorar diante da dificuldade de se importar gordura e carne em decorrência do câmbio desvalorizado. Carbohidrato havia bastante na forma de batata, pão e farinha, “mas já está na Bíblia: não só de pão vive o homem”, comentou em referência ao conhecido provérbio bíblico (CMIBSP, 09/11/1947).

Reiteradas vezes aparece na correspondência de Rocha Lima do pós-Segunda Guerra a ideia de que experiência tão trágica não poderia ser traduzida em palavras. Os relatos pelo correio transmitiriam no máximo uma “pálida noção” das circunstâncias de vida. “Sim, a vida se tornou uma coisa muito difícil na Alemanha! Você já ouviu bastante pelos jornais daí, mas um quadro exato você certamente não pode ter”, escreveu Alice Madelung em novembro de 1946 (CMIBSP, 11/11/1946). Em maio de 1947: “Para ter um conceito médio das circunstâncias daqui, imagine as coisas dez vezes piores que tudo o que você pode ler nos jornais” (CMIBSP, 04/03/1947). E alguns meses depois: “As circunstâncias ultrapassam tudo o que pode ser expresso em palavras. É algo que somente é possível saber vivenciando-se, e é mesmo admirável que alguém possa suportar tudo isso” (CMIBSP, 04/11/1947).

³ Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima.

Sem mitigar o efeito trágico real daquelas circunstâncias, é importante sublinhar que muitos dos relatos acompanhavam o pedido de remessa de “pacotes” com mantimentos que afluíam de várias partes do mundo para o território alemão. Rocha Lima encarregou-se de enviá-los para grande parte dos seus conhecidos, mas tudo indica que também recebeu pedidos de alguns não tão próximos. O ex-pesquisador do *Tropeninstitut*, Martin Mayer, advertiu-o acerca dos oportunistas que lhe endereçariam tais solicitações. Não era possível remeter os pacotes diretamente do Brasil. O pesquisador brasileiro enviava-os geralmente através da Suíça, mas eles também podiam ser mandados a partir da Holanda, Suécia, Estados Unidos ou Dinamarca. Da correspondência consultada depreende-se que ele mandou, entre outras coisas, grandes quantidades de café, produto escasso naqueles anos em que se consumiam sucedâneos. Para Alice Madelung, o café era remessa valiosa não só pela bebida em si, mas pelo alto valor que assumia no mercado negro, onde tudo era tão absurdamente caro, que apenas traficantes podiam adquirir os produtos. De acordo com ela, as doações dos amigos do exterior é que os impediam de passar fome (CMIBSP, 04/03/1947).

Em carta de abril de 1947, Rocha Lima relatou a Munk que estava mandando pacotes com alimentos para a maior parte dos alemães conhecidos. “A suposição de que seria fácil enviar um pacote de café não é verdadeira”, acrescentou (CMIBSP, 22/04/1947).

As cartas traduzem a grande alegria que causava a chegada dos pacotes com donativos. “Sinto-me como uma criança quando é presenteada no natal”, escreveu Alice (CMIBSP, 26/05/1947). As manifestações de alegria foram frequentemente acompanhadas de declarações de gratidão extrema. Depois de receber pacotes com café e cigarros enviados por Rocha Lima, Joseph Halberkann declarou: “Nosso coração transborda de alegria ao receber tais preciosidades. Nós o agradecemos de todo coração.” Como agradecimento presenteou Rocha com um livro ilustrado de viagens (CMIBSP, 09/11/1947).

Um aspecto que conferiu tons ainda mais dramáticos ao cenário devastado pelos bombardeios foi o enorme fluxo de populações teutas do leste europeu que haviam sido expulsas de seus territórios. Comunidades estabelecidas em regiões da União Soviética, Tchecoslováquia, Hungria, Iugoslávia e nos Bálcãs tiveram de rumar para a Alemanha: não eram bem-vindas em locais que haviam sido anteriormente ocupados pelas tropas da *Wehrmacht*, tornando-se alvo do ressentimento das populações locais e dos governos recém-constituídos. Parte

do território outrora pertencente à Alemanha passou a compor o estado da Polônia. Aproximadamente 7 milhões de alemães tiveram de deixar a Silésia, porções da Prússia Oriental, Brandemburgo e Pomerânia, vindo se estabelecer entre as fronteiras recolhidas do “Reich” destruído. Esse deslocamento foi feito em geral em condições bastante precárias e, não raro, foi seguido de violência – saques, estupros, matança. A presença dos cerca de 13 milhões de refugiados agravou o problema já dramático de habitação. A solução encontrada foi a acomodação, nem sempre voluntária, de famílias inteiras nas residências que haviam sobrado. Relato disso fornece Alice Madelung, que se manifestou satisfeita por ter um teto sobre a cabeça e por poder oferecê-lo aos refugiados. Em novembro de 1947, ela escreveu que sua casa abrigava naquele momento 17 pessoas; sete famílias cuja reunião provocava mudanças na dinâmica cotidiana (CMIBSP, 04/11/1947). Em carta anterior, reportara ao ex-marido:

Imagine você morar numa casa em que apenas dois dos dez cômodos ainda lhe pertencem; a cozinha você tem que dividir com tantas pessoas, que os mantimentos têm de ficar bem trancados, uma vez que nessa escassez medonha não se pode estar seguro se o amado próximo não os levará consigo (CMIBSP, 11/11/1946).

Em Hamburgo, onde vivia, o número de sem-teto somava 500 mil pessoas (Judt 2008, p. 31). Halberkann, que como vimos também vivia ali, conta em carta de junho de 1946 que recebeu comunicado segundo o qual ele e os demais 40 mil habitantes de Harvestude, bairro da cidade hanseática, teriam de deixar suas casas. “Isso é muito mais amargo do que se nota nessas poucas linhas, pois em Hamburgo, em grande parte destruída, não se acha nenhum quarto para alugar”, complementou (CMIBSP, 19/06/1946).⁴ Com isso, o trato com o departamento responsável pela questão habitacional fazia “da luta contra o dragão mera brincadeira de criança” (CMIBSP, 17/08/1948). Em janeiro de 1947, ele queixou-se de forma semelhante à Alice das mudanças acarretadas pela divisão da casa com outras pessoas:

Também porque agora, na Alemanha, muitas pessoas de outras partes deslocam-se em busca de um lar, inclusive rumo a Hamburgo, temos de dividir nossa casa com outras pessoas colocadas aqui. Onde antes morávamos apenas eu e minha esposa, agora vivem nove pessoas. Agora temos apenas dois quartos e é quase insuportável ficar entre quatro paredes. Isto se

⁴ Carta de Joseph Halberkann a Kohring. Trata-se de uma cópia da carta de Halberkann a Kohring encaminhada a Rocha Lima, por razões nebulosas, por Walter Voss. Na cópia datilografada, está escrito a lápis “For Rocha Lima”.

suporta com má vontade, mas ao mesmo tempo deve-se ter paciência e respeito, levando-se ainda em conta o longo prazo, porque uma mudança dessa situação está bastante distante (CMIBSP, 26/01/1947).

Para agravar o quadro já calamitoso, o inverno de 1946-1947 foi um dos mais rigorosos dos últimos anos. Desde 1880, a Europa não era assaltada por ondas de frio tão severas (Judt, 2008, p. 100-101). “Não imaginava que esse inverno seria tão rigoroso. Cinco ondas de frio, temperaturas constantes de 10 graus negativos”, reportou Alice a Rocha Lima em março de 1947 (CMIBSP, 04/03/1947). Segundo ela, o acúmulo de neve e o esfriamento das locomotivas impediam a circulação dos trens. Apenas dois dias da semana podia-se contar com energia elétrica. “Com a escuridão somos obrigados a ir para a cama e nos sentar em meio ao breu, com frio e com fome. Os melhores nervos não se mantêm sob tais condições”, escreveu na mesma carta (CMIBSP, 04/03/1947). “Neste inverno, a temporada de frio que os asquerosos bolchevistas mandaram do leste para cá está mais longa e persistente que o normal”, relatou Halberkann em janeiro de 1947 (CMIBSP, 26/01/1947). Tanto ele quanto Alice e Munk queixaram-se da falta de carvão e de outros combustíveis para o aquecimento. O carvão escasseava por ter sido utilizado como moeda de reparação aos aliados. De acordo com a ex-esposa de Rocha Lima, as árvores da região onde moravam haviam sido quase todas cortadas pelos moradores, deixando as alamedas desnudas:

A questão do carvão é a pior de todas. No verão estávamos em situação privilegiada por dispormos de um pequeno pedaço de floresta, cujas árvores meu próprio marido tinha que cortar para que chegassem em casa. Mas a madeira não basta e o carvão é ouro. Você mal pode imaginar uma casa fria com muitos outros habitantes na condição de “sublocatários”. Apenas no cômodo onde fica o aquecedor é quente. O restante, inclusive a cozinha do porão, é tudo, tudo frio (CMIBSP, 11/11/1946).

De Munk, Alice, Halberkann e outros Rocha Lima declarou receber “sempre as mesmas notícias tristes”, as quais “lhe cortavam o coração”. Manifestou compaixão por aquele povo que considerava “bravo, eficiente, competente, esforçado e bondoso, que tudo teve de suportar indefeso” (CMIBSP, 24/03/1947). Concordava com seus missivistas ao avaliar o sofrimento do povo alemão decorrente da “mera desconsideração” por parte dos vencedores. Sugeriu que o Brasil aproveitasse a situação difícil da Alemanha e promovesse imigração em massa de agricultores, operários e técnicos, que poderiam, ao trazerem consigo a

“capacidade alemã”, alavancar o desenvolvimento do país (CMIBSP, 22/04/1947). Extremamente crítico em relação aos governantes brasileiros, Rocha Lima propôs, zombeteiro, que os aliados implantassem na Alemanha governo e administração semelhantes aos que existiam no Brasil. Dessa forma, eles teriam a certeza de que a Alemanha jamais sairia da miséria e voltaria a representar perigo para qualquer país. “O que poderia tranquilizar mais os dominadores do mundo?”, indagou (CMIBSP, 23/12/1947).

Paradoxos do pós-guerra: nazistas, comunistas e democracia

Em meio às ruínas e miséria, a reconstituição de serviços básicos (como transporte e comunicação) e administrativos, bem como o restabelecimento de uma ordem jurídica, representaram enorme desafio aos governos aliados. Particularmente difícil era a intenção de constituir governos minimamente autônomos, livres da ameaça nazista. Os aliados haviam decidido punir os crimes perpetrados pelos alemães, esforço em que os norte-americanos foram os mais empenhados. A punição deveria ter caráter pedagógico, favorecendo o estabelecimento de um regime democrático. Integrantes da cúpula nazista foram submetidos a metucioso inquérito julgado pelo Tribunal internacional sediado em Nuremberg, mas era impraticável adotar o mesmo procedimento para os cerca de 8 milhões de alemães que haviam engrossado as fileiras do Partido. Ademais, a reconstrução do tecido social e político não podia ter início sob condições de punição generalizada. Segundo Judt, além do elevado número de nazistas, eram bastante contundentes “os argumentos contrários à noção de culpa coletiva” (Judt, 2008, p. 68). Dessa forma, a prioridade seria reconstruir a Alemanha para depois livrá-la dos elementos nocivos do passado. Para pessoas como o futuro chanceler Konrad Adenauer, um pacto de “amnésia coletiva” era necessário para se seguir adiante (Judt, 2008, p. 71).

O nazismo foi encarado pelos aliados – norte-americanos, sobretudo – como um traço inscrito no próprio caráter alemão e que, por isso, havia criado raízes profundas, devendo ser extirpado. A “desnazificação” seria ação correlata e paralela à democratização. Na superação do passado nazista, ambas deveriam ladear as ações de desmilitarização e descentralização administrativa. Em analogia aos processos biológicos com os quais estava familiarizado, Rocha Lima considerava que o nazismo havia semeado “o vírus da injustiça e da perseguição desumanas”, o qual só poderia ser curado uma vez que

se constituísse uma “imunidade” a ele. À semelhança da imunidade humana, aquela contra o nazismo só poderia se constituir de forma gradual, com as próprias forças do povo alemão. Mas antes que esse “vírus” produzisse tal imunidade, ele estaria contaminando os que se propunham combatê-lo. Os procedimentos que vinham sendo adotados pelas tropas de ocupação não estariam consoantes com a instauração de uma ordem efetivamente democrática.

A desnazificação envolveu o preenchimento de complexos questionários em que os maiores de dezoito anos tinham de esclarecer de forma minuciosa suas atividades durante o nacional-socialismo. Os investigados foram classificados em cinco categorias: “culpado principal” (*Hauptschuldiger*), comprometido, comprometido menor, seguidor e inocente. O rigor com que inicialmente o processo foi executado aos poucos cedeu lugar à maior preocupação com o confronto com os soviéticos. Entre os britânicos, o foco recaiu sobre as elites nazistas. Por razões pragmáticas, estes procuraram poupar figuras e segmentos que seriam relevantes para o trabalho de reconstrução. Os soviéticos enviaram muitos dos ex-nazistas para os antigos campos de concentração e tornaram mais difícil sua reintegração no serviço público, com exceção de alguns órgãos militares e do serviço secreto.

Joseph Halberkann expressou ressentimentos com a desnazificação. “O sofrimento causado por isso é difícil de ser expresso em palavras”, escreveu em carta de junho de 1946 (CMIBSP, 19/06/1946).⁵ “Difícilmente há alguma família que não tenha sido afetada”, complementou. Esclareceu que o fato de ter ocupado posto inferior na organização mais insignificante do regime nazista já seria suficiente para a pessoa perder seu emprego. “Em Hamburgo, os médicos são colocados na rua às centenas e não podem seguir sua profissão, de modo que pessoas gravemente doentes muitas vezes têm de esperar de três a quatro dias para serem atendidas”, relatou. Cumpre ressaltar que os médicos haviam sido um dos segmentos profissionais que mais expressivamente aderiram ao movimento nazista, representando uma de suas principais bases. De acordo com Halberkann, um servidor público que por trinta ou quarenta anos havia “cumprido seu dever” era demitido do cargo, mesmo se tivesse atuado “apenas” como “tesoureiro de distrito”. A irritação de Halberkann fica mais clara quando ele próprio conta na mesma carta que foi demitido do posto de diretor de operações da *Deutsche Amerika Linie*, em Bremen, por ter pertencido ao Partido Nazista desde 1932, “sem qualquer posto oficial”, amenizou. Argu-

menta que teria ajudado “não arianos” em encontro em Lisboa, com líderes da junta norte-americana em 1941, e protestado em Berlim pela facilitação da emigração de judeus. Por conta disso,

eu devia ser louvado, me vez de punido, mas nessas coisas o lado formal muitas vezes é o decisivo [...] eu não estou muito otimista. Assim, não me admiraria que em pouco tempo seja colocado para trabalhar como pedreiro ou nas ruas [...] Mas apesar de tudo, não perdi a esperança de que um dia a razão irá prevalecer, embora não acredite numa responsabilidade humana da parte dos aliados, do mesmo modo como lamentavelmente também não a teve a criminosa liderança nazista perante o seu próprio povo e perante o mundo (CMIBSP, 19/06/1946).⁶

Halberkann não tinha mesmo muitos motivos para ficar otimista: ele foi aposentado em novembro de 1947 do cargo que ocupava no hospital de Barmbeck. Continuou trabalhando como se nada tivesse acontecido, mas logo teve de deixar o posto, vindo se estabelecer na cidade natal de Lechenich, onde se encarregou da farmácia deixada pela sogra (CMIBSP, 09/11/1947). Em carta a Rocha Lima do início de 1947, Halberkann relatou que se aposentaria por decisão voluntária, já que havia permanecido no cargo por mais tempo que o normal “por ser antinazista” (CMIBSP, 26/01/1947).

Um dos meios de amenizar as penas previstas no processo de desnazificação consistia em apresentar “certificados de inocência” (*Persilschein*), em que vítimas da perseguição nazista, como os judeus, ou reconhecidos oponentes do regime atestavam que o indivíduo em questão havia contribuído com eles de alguma forma ou não havia aderido ao movimento. Com indignação, Martin Mayer, como vimos, pesquisador de origem judaica estabelecido na Venezuela, escreveu a Rocha Lima: “[...] os nazistas não mudaram. Acredite você que Martini teve o descaramento de me pedir um certificado comprovando que ele teria impedido minha demissão por Krueger” (CMIBSP, 12/12/1946). Referia-se a Erich Martini, entomologista do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, que estava ameaçado de perder sua aposentadoria em consequência do envolvimento com os nazistas. Em carta anterior, na qual reportou ao amigo brasileiro a situação do *Tropeninstitut* relatada pelo seu diretor à época, Ernst Nauck, Mayer afirmou: “[Nauck] não falou nada sobre o ‘pecador nazista principal’ (*Haupt-nazisünder*), Martini, que parece ter liderado os trabalhos

⁵ Carta de Joseph Halberkann a Koehring.

⁶ Carta de Joseph Halberkann a Koehring.

de destruição do sistema de profilaxia da malária na Itália” (CMIBSP, 18/11/1946).⁷ Segundo Mayer, muitos emigrados da Alemanha estavam recebendo cartas semelhantes “com pedidos de confirmação de que não os haviam martirizado ou torturado nos campos de concentração. Eles consideram apenas isso prova suficiente de uma postura decente. Pobre Alemanha!”, comentou o bacteriologista (CMIBSP, 12/12/1946).

Fritz Munk manteve-se bastante cético e crítico em relação à democratização que os aliados apregoavam difundir entre os alemães por meio de procedimentos de “punição pedagógica” como a desnazificação. A “educação democrática” incluía em algumas áreas a visita compulsória aos campos de concentração e o comparecimento a sessões de cinema onde eram exibidas as atrocidades cometidas pelas lideranças nazistas, sob pena de não receberem os cartões de racionamento. Para Munk, o comportamento dos governos de ocupação contradizia esse ideal, solapando, dessa forma, uma de suas principais fontes de legitimidade. Segundo ele, o Tribunal de Nuremberg não estava contribuindo em nada para mudar a situação. “Uma pena, pois os alemães estavam muito dispostos a resignar-se com a sabedoria dos aliados”, comentou, irônico (CMIBSP, 25/03/1948). A crueldade dos métodos empregados pelas potências ocupadoras tornava o empreendimento de instrução democrática “um esforço hipócrita”. Muito embora houvesse efetiva “vergonha dos crimes nazistas e da acusação realmente sentida de culpa coletiva”, analisou ele, aquele teatro de ensaio democrático acabava por causar repulsa ao povo alemão. “Mesmo entre o povo mais simples levanta-se antes a fatal descoberta: ‘nós, selvagens, somos pessoas melhores’” (CMIBSP, 02/11/1949). Comentário semelhante fez Halberkann em relação à crise moral que identificava entre os alemães no pós-Guerra: “A moral foi para os botocudos; os selvagens são pessoas melhores” (CMIBSP, 01/02/1949).

Munk esteve entre aqueles que consideravam a punição pretensamente pedagógica dos aliados uma “justiça de vencedores”, como bem assinala Tony Judt (2008, p. 68). Segundo este autor, os alemães, nos anos 1940, “mostravam-se mais propensos a ver a si mesmos no papel de vítimas e, portanto, consideravam julgamento e confronto por crime nazista uma desforra dos Aliados contra um regime extinto” (Judt, 2008, p. 70). Descrição que retrata fielmente a postura de Munk e dos demais

correspondentes de Rocha Lima. Se a “concorrência invejosa” havia levado à Primeira Guerra – analisou Munk – a “loucura hitlerista” deflagrara a Segunda, em que o povo alemão se tornara vítima da “burrice e bazófia” de seus líderes (CMIBSP, 02/11/1949). Na visão do médico de Berlim, a inveja e o medo do reerguimento da Alemanha orientavam as ações dos governos aliados, as quais solapavam a autoconfiança do povo alemão e destruíam intencionalmente “os mais altos valores” da sua cultura. Jamais imaginara que o povo alemão pudesse ser tão perigoso quanto o mundo desejava que fosse, mas tampouco considerara que seu potencial fosse um impeditivo para permitir seu crescimento (CMIBSP, 13/09/1949 e 02/11/1949). “Não se pode falar da capacidade alemã, ela não se sustenta mais na prática”, rebateu Munk a Rocha Lima, que se mantinha otimista quanto ao reerguimento daquela sociedade devastada pela guerra.

Também para Alice Madelung o povo alemão havia sido vítima do “bando de nazistas”, aos quais responsabilizou diretamente pela situação calamitosa em que se encontravam. “Foram anos indiscutivelmente difíceis os que tivemos de passar nas mãos desses criminosos; ainda mais para pessoas como nós, que não pertencemos nem ao Partido e nem a qualquer organização, e ficamos conhecidos como antifascistas”, escreveu em setembro de 1946 (CMIBSP, 21/09/1946). “Esse bando de criminosos que aqui se chamava de governo” – queixou-se na mesma carta – havia optado por levar a guerra até o fim e depois fugir de forma sorradeira. “Essa miséria jamais se abateria sobre a Alemanha se não fossem esses nazistas. Mas agora não adianta nenhum ‘e se’ ou ‘mas’; aconteceu, e nós, que não queríamos saber nada desse regime, temos agora de esvaziar o cálice até a última gota”, avaliou em março de 1947 (CMIBSP, 04/03/1947). E, em fevereiro de 1949, quando já estavam claros os contornos de uma Alemanha dividida: “Este é o resultado do governo nazista: uma parte do povo alemão passa fome; a outra começa a construir uma vida pacífica”, escreveu (CMIBSP, 16/02/1949).

Se, por um lado, Alice posicionou-se como Munk ao lado das vítimas de um governo inescrupuloso, por outro concentrou no passado as raízes dos males do presente. Foi menos crítica que o médico de Berlim em relação aos governos de ocupação. Certamente isso se deveu aos métodos mais restritivos postos em ação pelos russos. Munk irritou-se particularmente com a censura

⁷ Erich Martini havia, de fato, orientado, com Ernst Rodenwaldt, os trabalhos que levaram à reincidência da malária em região da Itália onde havia sido controlada graças aos trabalhos de engenharia sanitária. Pouco depois da rendição dos italianos, Martini e Rodenwaldt estiveram na região dos pântanos do Pontino, onde ordenaram a evacuação da população civil e a desativação do sistema de drenagem que mantinha a área seca. Preconizaram a inversão da drenagem, de modo que a água do mar invadisse o local, além da destruição do equipamento que mantinha os canais limpos e da implosão da área circunvizinha com dinamite. Em estudos feitos na Itália em 1931, o próprio Martini verificara que apenas uma espécie de mosquito era capaz de transmitir a malária, podendo proliferar tanto na água doce como salgada. A inundação pela água do mar permitiu que essa espécie prevalecesse em detrimento das que viviam exclusivamente em água doce, e transmitisse a malária à população local. Como Martini e Rodenwaldt haviam confiscado todo o estoque de quinina, os moradores empobrecidos do local tornaram-se vítimas da malária. Dos 1.200 casos registrados em 1943, os números saltaram para 55.000 no ano seguinte. Ver a esse respeito Snowden (2006, 2008). No último volume de sua trilogia sobre o Terceiro Reich, Richard Evans (2012, p. 546-547) relata esse caso, em grande medida baseado em Snowden.

às cartas e o cerceamento às críticas. “Aqui estamos como se fosse em uma prisão”, escreveu em agosto de 1946 (CMIBSP, 14/08/1946). E um mês depois: “Na minha concepção de democracia, tenho sempre a tendência de descrever as circunstâncias da maneira mais fiel possível, o que evidentemente não agrada a muitos democratas” (CMIBSP, 18/09/1946). Irônico, escreveu um ano e meio mais tarde: “Uma vez que a censura de cartas, tão necessária à educação democrática do povo alemão, aparentemente deverá permanecer para sempre, deixarei de desenvolver aqui meus argumentos” (CMIBSP, 25/03/1948).

A censura não foi exclusividade das zonas ocupadas pelos soviéticos. Outro correspondente de Rocha Lima, o ex-pesquisador do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, Joseph Halberkann, também criticou o procedimento na cidade hanseática ocupada, como vimos, pelos ingleses:

Entre nós há uma censura da qual eu não posso saber se as inofensivas palavras poderão ser interpretadas de forma diferente da que as pensei, dando margem a que se leiam nas entrelinhas coisas que elas não deviam dizer. Espero desta vez encontrar um censor misericordioso.

A correspondência de Rocha Lima passou a incluir um terceiro elemento, implícito, mas cuja presença ficava evidenciada na forma como se conduzia o diálogo. Este podia prosseguir em “mangas de camisa”, para usar expressão de Monteiro Lobato, mas agora incluía um espectador indesejado, oculto, porém presente. Em carta a Munk de março de 1947, o brasileiro despediu-se: “Como não sei quanto tempo a censura precisa para processar essa carta, deixo a continuação para uma próxima que logo irá” (CMIBSP, 24/03/1947). E numa de outubro do mesmo ano: “Sobre a política das potências ocidentais que eu nunca pude entender, melhor não escrever nada, pois poderia provocar escândalo na censura” (CMIBSP, 05/10/1947). Halberkann, em carta de julho de 1947, escreveu: “[...] essa carta deve tomar seu curso normal na esperança de que não fique submetida por muito tempo à fiscalização do senhor censor” (CMIBSP, 23/07/1948). E em setembro de 1948:

Mando a você numa carta alguns recortes de jornal e gravuras relativas ao momento; se elas não forem do agrado do censor, que ele as destrua sem muito prejuízo. Nos jornais, as coisas foram escamoteadas pela censura, mas o que é bom para nós talvez não seja bom no estrangeiro (CMIBSP, 02/09/1948).

No mesmo mês, Halberkann especulou dever-se à censura o desvio da carta de Rocha Lima por Berlim,

deixando de chegar pelo caminho mais curto de Frankfurt. “Não sei o que o censor queria e poderia encontrar em nossas cartas, nas quais não falamos nem de golpes, nem de ambições de domínio, nem de negócios”, ironizou (CMIBSP, 16/09/1948). Em outubro de 1948, apontou: “Se tudo que escrevi na carta anterior não tiver a clemência do censor, então está praticamente excluída a possibilidade desta chegar até você” (CMIBSP, 31/10/1948).

Não só a censura, como outros aspectos do governo de ocupação levaram Halberkann a ver a democracia dos aliados com olhos críticos:

Para mim vale o seguinte na democracia atual: feche o bico, pague os impostos e seja obediente! Isso é o que todos queremos fazer até o tempo em que florescer a verdadeira democracia. Se isto virá à custa do povo, devemos esperar; paciência deve-se também arranjar! (CMIBSP, 09/11/1947).

Curioso observar que seu posicionamento aproxima-se do de Munk, muito embora este estivesse em região ocupada pelos soviéticos, que lançavam mão de procedimentos bem menos democráticos que os ingleses. “Na democracia deve ser permitido falar a verdade, mesmo quando ela é amarga. Assim nos foi ensinado” escreveu Halberkann em carta de setembro de 1948 (CMIBSP, 16/09/1948). Aos olhos dos outros, ela ainda não estaria estabelecida solidamente na Alemanha.

Segundo Halberkann, a concepção do que era um regime democrático era refratada pelas tendências da potência ocupadora, que em sua área de influência tenderia a se comportar como detentora absoluta do poder. Dessa forma, na zona de ocupação inglesa – argumentou Halberkann – as instituições democráticas britânicas eram o modelo. Como o Partido Trabalhista estava no comando na Inglaterra, suas tendências tornavam-se as hegemônicas na área ocupada pelo país. O que era considerado bom para os vitoriosos era automaticamente aplicado aos vencidos, mas a falta de resultados concretos tornava cada vez mais distante a teoria da prática, explicou ele. Talvez o “adubo” que fertilizava esse ensaio de democracia não fosse o correto. A “massa”, por sua vez, esperava por resultados concretos: melhores salários e condições de vida, não importando o regime e a origem dos recursos. Acéfalos, esperavam as promessas vantajosas que vinham do alto falante “tanto faz se por ele fala Marx, Hitler ou Mussolini”, prosseguiu o cientista. A falta de lideranças capazes de “tirar os carros da lama” agravaria esse quadro. Nota-se o desprezo de Halberkann pelos novos quadros que assumiam o governo nas zonas de ocupação, principalmente pelos social-democratas, que despontavam como uma das grandes forças organizadas nas primeiras

eleições, inclusive ganhando a prefeitura de Hamburgo. Segundo ele, não havia nada para se admirar “com esse governo vermelho de cabeças ocas”. Considerou o cúmulo que um ex-detento dos campos de concentração e que transportava comida no Hospital St. George se tornasse senador e fosse nomeado para a administração de saúde da cidade hanseática (CMIBSP, 17/08/1948).

Na visão de Halberkann e de muitos outros, a eficácia do governo implementado pelas potências de ocupação dependia da capacidade de equacionar os problemas concretos enfrentados pela população, mais do que da força e impacto dos discursos por democratização. Um dos mais prementes era a penúria, crise de abastecimento e a necessidade de pôr em ação as engrenagens capazes de impulsionar a economia.

Reforma monetária, política e os contornos de um mundo dividido

Como já foi dito, o mercado negro foi um dos aspectos bastante emblemáticos da Alemanha no pós-guerra. As trocas econômicas retroagiram ao estágio do escambo: vendia-se tudo que tinha e se podia encontrar, tentando-se, dessa forma, obter o necessário para a sobrevivência. Halberkann notou o círculo vicioso em que se estava, pois, sem praticamente nada para produzir e exportar, os alemães não tinham como adquirir as divisas para importar víveres do exterior. O dinheiro circulante perdeu em grande medida sua validade nos mecanismos de comércio. De acordo com Halberkann, a desvalorização normal do dinheiro havia sido de tal forma acelerada pela guerra, que na Alemanha os preços subiam de 100 a 200 vezes, enquanto no restante do mundo encareciam normalmente de duas a três vezes. Prova disso era a escalada dos preços no mercado negro – queixou-se – do qual um assalariado como ele não podia participar (CMIBSP, 09/11/1947). Além disso, havia a política de “desmontagem” levada a cabo pelos aliados, a qual consistia no desmantelamento do parque industrial alemão, sobretudo da indústria pesada e militar. Na zona soviética, tal política foi seguida com muito mais rigor: as indústrias foram expropriadas e reunidas numa instância centralizada, e parte dos equipamentos e produção foi destinada a pagar as reparações de guerra. O principal efeito da desmontagem foi psicológico, pois fomentou entre a população alemã o sentimento de que os aliados tinham a intenção deliberada de aniquilar o país ao extinguir os postos de trabalho da indústria.

O inverno de 1946-7 acarretou severa crise de abastecimento, não só de combustíveis como de alimentos. Os cupons de racionamento que garantiam a aquisição dos víveres depois da espera em longas filas em breve passaram também a perder seu valor. Os norte-americanos planejavam uma reforma capaz de restabelecer o sistema monetário alemão praticamente aniquilado. Era um pré-requisito para a injeção de capital prevista pelo plano que George Marshall anunciara em cerimônia ocorrida em Harvard, em junho de 1947. Através desse plano, os norte-americanos pretendiam a recuperação econômica da Europa, evitando que a população empobrecida ficasse exposta à influência comunista. Joseph Halberkann estava entre os que consideravam inevitável que a parte ocidental também caísse nas mãos dos soviéticos. “Parte significativa da população das zonas ocidentais considera como única saída a integração à União Soviética”, escreveu em junho de 1946 (CMIBSP, 19/06/1946).⁸ E vaticinou:

A maioria das pessoas que conhece alguma coisa do mundo e que vê as coisas num contexto maior tende à opinião de que é inevitável o colapso econômico nas zonas ocidentais e, com ele, o comunismo. Não nos resta nada mais a não ser esperar o desenrolar dos fatos e que estes coloquem fim a esse sofrimento, depois de todo aquele que já suportamos no período da guerra. Muitos tombarão pelo caminho (CMIBSP, 19/06/1946).⁹

Moscou recusou tomar parte do plano Marshall, impedindo que a zona de ocupação russa na Alemanha recebesse o capital norte-americano. Nas zonas ocidentais, o afluxo de recursos significou a efetiva integração daquela porção do país ao sistema econômico mundial de ordem capitalista. Soviéticos e ocidentais negociavam em vão o estabelecimento de um plano monetário comum; as discrepâncias em termos de concepção do sistema econômico mostrar-se-iam irreconciliáveis e aos poucos precipitariam a divisão da Alemanha em dois blocos. A unificação administrativa e econômica das áreas de ocupação inglesa e norte-americana, discutida em reuniões entre diplomatas dos dois países desde setembro de 1946, concretizou-se em janeiro de 1947, formando a chamada Bizone. As tensões e desconfianças entre um bloco ocidental, liderado pelos norte-americanos, e um oriental, dominado pelos soviéticos, já presentes na conferência de Potsdam, acentuavam-se, tornando uma divisão da Alemanha possibilidade cada vez mais concreta. Berlim era o teatro de prova dessa disputa de forças que não passou despercebida dos contemporâneos. Ela estava localizada

⁸ Carta de Joseph Halberkann a Kohring.

⁹ Carta de Joseph Halberkann a Kohring.

no meio da zona de ocupação soviética. Segundo Rocha Lima, era “uma ilha em meio à maré da invasão russa” (CMIBSP, 05/08/1948).

De um modo geral, a população alemã temia pelos destinos do país em meio à disputa geopolítica polarizada entre leste – soviéticos – comunismo *versus* oeste – americanos/ingleses – capitalismo/economia de mercado. Percebia os rumos diferentes percorridos nas zonas de ocupação ocidental e na soviética, e frustrava-se a cada tentativa fracassada de negociação entre os chanceleres: “A visão para o futuro está turva”, escreveu Alice. Para ela, a vantagem de se estar nas zonas britânica e americana era apenas a de ter às mãos o mercado negro, onde tudo podia ser adquirido por meio de traficantes. De forma semelhante a Halberkann, ela também temia que a Europa, empobrecida, caísse nas mãos dos comunistas. “É um teste de forças sem precedentes – democracia ou comunismo. Se o último se revelar o mais forte, então a Europa já era!” (CMIBSP, 04/08/1948).

Do outro lado da “cortina de ferro” – expressão empregada por Winston Churchill em discurso de março de 1946 – Fritz Munk temia pelo efetivo isolamento. A saída do país foi submetida a controle crescente. Se a “cortina” se fechasse, isso significaria – escreveu ele – “a prisão definitiva para o resto de minha vida” (CMIBSP, 28/08/1947). Ele teve que pedir permissão para viajar até a Suíça, onde afirmou não haver a menor ideia das difíceis condições internas que assolavam a Alemanha. Segundo o médico alemão, os suíços ainda os consideravam “como se ainda fôssemos o que éramos ou quem poderíamos ser se o destino diabólico não tivesse alterado nosso percurso”, desabafou ao amigo brasileiro. Não estavam conscientes de que agora a alma dos alemães era atormentada por uma consciência “de mendigo-bandido com culpa”, emendou (CMIBSP, 04/06/1947).

Por trás da “cortina”, as potências ocidentais levavam adiante as negociações e análises para a implementação da reforma monetária. Através dela pretendiam liquidar as altíssimas dívidas em marcos do “Reich” (*Reichsmark*) e reequilibrar a proporção entre quantidade de moeda e o patrimônio da população. “Dinheiro corre o país em quantidade suficiente, mas nenhum comerciante estrangeiro entrega algo pago com ele, pois é apenas papel, trazendo atrás de si nada além de dívidas; uma questão de bancarrota”, escreveu Joseph Halberkann a Rocha Lima (CMIBSP, 26/01/1947).

Em outubro de 1947, a nova moeda – o marco alemão (*Deutsche Mark*) – foi impressa nos Estados Unidos. No mês seguinte, caminhões transportavam o dinheiro pelas zonas ocidentais procurando manter o sigilo do processo. Em março de 1948, já estava claro que a região soviética seria excluída da reforma monetária.

Naquele mês, era criado um banco central para as zonas de ocupação inglesa, francesa e norte-americana, sediado em Frankfurt.

Por mais que as autoridades se esforçassem para manter a reforma monetária em sigilo, sua aplicação tornou-se conhecida da população, muito embora não se soubessem as medidas, o tempo e os termos exatos em que ela seria realizada. Em abril de 1948, Alice clamou pela reforma, a qual esperava que contivesse a tendência de alta dos preços “até o infinito” (CMIBSP, 25/04/1948). Mesmo as pessoas que mantinham algum patrimônio em bens ou dinheiro sofriam com a alta e o peso dos impostos. Em carta anterior, ela esclareceu que os impostos eram tão absurdos, que muitas vezes excediam os próprios rendimentos. Estimou que num salário anual de 100 mil marcos, cerca de 85 mil eram destinados aos impostos (CMIBSP, 17/12/1947). Halberkann foi outro que reclamou bastante da alta carga tributária daqueles anos. “Arrepiam-me os cabelos” – escreveu a Rocha Lima quando a sogra morreu – “só de pensar no imposto que incidiria sobre a herança e a compra da parte dos cunhados. O que eles fazem com todo esse dinheiro? Na minha mente inocente pensava que eles quisessem por esse caminho sanear aos poucos a moeda, novamente lastreando o marco-papel em marco-ouro.” Mas o dinheiro arrecadado não era posto novamente em circulação, apontou. “O dinheiro roda, apenas não volta para mim. O fim último é uma igualização, como foi feita na Rússia. Agora não há nenhuma grande diferença entre nazismo, comunismo e outros ismos [...]” (CMIBSP, 09/11/1947)."

Em 18 de junho de 1948, as autoridades das zonas ocidentais comunicaram a realização da reforma monetária, que entraria em ação dois dias depois. Exatamente no dia da medida, escreveu Alice:

[...] hoje toda a nossa velha moeda tornou-se inválida e nosso patrimônio em dinheiro vivo foi desvalorizado na proporção de 1:10. A partir de amanhã passa a valer o novo marco alemão. Para cada pessoa serão entregues pela primeira vez 40 marcos para as necessidades mais urgentes e para que a dinâmica econômica possa entrar em ação (CMIBSP, 20/06/1948).

Os planos da reforma consistiam na desvalorização do antigo marco (*Reichsmark*), que passava a valer a 10ª parte da nova moeda (*Deutsche Mark*). Os salários e aluguéis permaneciam na proporção de 1:1, mas dinheiro nos bancos e hipotecas valeriam 10 vezes menos. Grande parte do dinheiro que a população tinha na poupança foi bloqueada. Conforme reporta novamente Alice, os que mais sofreram com a medida foram aqueles que mantinham seu patrimônio em dinheiro vivo ou em hipotecas

e que de repente se viram em meio à pobreza (CMIBSP, 04/08/1948). Cada habitante receberia como “quota” 60 marcos alemães, dos quais 40 seriam entregues de imediato, como nos conta Alice, e o restante em período posterior. Todos tiveram que declarar seus bens; aqueles cujo patrimônio excedia 5 mil marcos do “Reich” precisavam de um “certificado de inocência” do departamento de finanças. Alguns traficantes e comerciantes do mercado negro preferiram destruir o dinheiro ganhado de forma ilícita a declarar sua origem clandestina.

Dias antes da reforma, as pessoas procuravam comprar com seus “marcos do Reich” tudo o que estava disponível, mas os comerciantes armazenaram as mercadorias, preferindo esperar a nova moeda entrar em circulação. Depois de 20 de junho, as vitrines ficaram novamente cheias de produtos. Segundo Alice, as pessoas passeavam de um lado para o outro com os 40 marcos na carteira, tentando sobreviver com eles o maior tempo possível, pois ainda não se sabia quando receberiam o restante (CMIBSP, 04/08/1948). “É admirável que depois da reforma monetária haja aqui quase tudo em frutas, verduras e mantimentos; só que o dinheiro é pouco, de modo que temos de economizar de forma racional e usá-lo com parcimônia”, esclareceu (CMIBSP, 04/08/1948). Por conta disso, alegrou-se muito por ter recebido de Rocha Lima remessa de café um dia antes da reforma entrar em vigor, pois dificilmente poderia adquiri-lo no mercado (CMIBSP, 20/06/1948). Em fevereiro de 1949, Alice mais uma vez relatou que nas lojas havia de tudo, mas podiam apenas comprar o leite. Dois meses depois, narrou de forma mais dramática a contradição entre aquilo que estava nas vitrines e o que efetivamente podiam adquirir. A analogia com o sentimento das crianças, outrora empregada para salientar alegria genuína, servia agora para enfatizar a frustração:

Se você visse as lojas na cidade ficaria admirado, porque nas vitrines estão expostas mercadorias das mais maravilhosas, exatamente como era no período da mais absoluta paz, talvez ainda mais elegantes. Agora se fica diante delas como uma criança diante de uma árvore de Natal – admira-se, mas não é possível ter nada, sobretudo porque em primeiro lugar tem de providenciar o alimento. Depois de tantos anos de agitações e turbulências, o homem passa a contar apenas com a comida e bebida [...] se novamente tem comida normal sobre a mesa sabe avaliar que todo o resto, como roupa, etc., chega apenas mais tarde (CMIBSP, 07/04/1949).

Em carta a Rocha Lima, Halberkann comunicou que a reforma o prejudicou bastante. Se o irmão não tivesse

emprestado dinheiro, estaria numa montanha de dívidas. Dos 1.305 marcos do “Reich”, recebeu apenas 22,50 na nova moeda, dos quais metade estava bloqueada. Devido à desvalorização de 1:10, os 15.500 marcos que tinha no banco transformaram-se em 1.550 marcos alemães, valor cuja metade também foi bloqueada “e também aqui pelo jeito vai para o diabo”, queixou-se (CMIBSP, 02/09/1949). Meses depois, o tom do pesquisador alemão era de completo entusiasmo. “O crescimento é fabuloso”, escreveu em dezembro de 1949: “O que há um ano dificilmente se podia pagar, o que há dois anos não se podia ver de forma alguma, agora há aos montes nas lojas, que têm muitas mercadorias expostas [...]” (CMIBSP, 28/12/1949). Não havia mais racionamento de carne, que agora era comercializada em grande quantidade; verduras e mesmo frutas exóticas também enchiam as prateleiras do comércio, ainda que por preços altos. Para a maior parte das pessoas, no entanto, o dinheiro permanecia escasso, principalmente para os refugiados do leste. Os rendimentos contabilizados de forma legal estavam sob supervisão de uma instituição financeira “que aumenta como um sapo-boi quando canta”, relatou Halberkann. Menos de um mês depois, ele escreveu novamente a Rocha Lima, agradecendo por tudo que ele havia lhe enviado do Brasil. Não precisava mandar mais nada, pois agora podiam comprar de tudo (CMIBSP, 15/01/1950). O cenário dos anos seguintes para os “ocidentais” seria de extremo otimismo característico dos anos conhecidos como os do “milagre econômico”.

Na zona ocupada pelos russos, a retomada do desenvolvimento econômico foi mais lenta. Como vimos, a região não recebeu o investimento de capital fornecido pelo Plano Marshall. Além disso, seguia modelo de economia planificada, oposto ao adotado a partir da reforma monetária na zona ocidental – o do livre mercado. Três dias depois das potências ocidentais, os russos também implementaram em sua área de ocupação uma reforma em reação à medida adotada pelo lado oposto. A reforma ali foi feita quase de improviso. A falta de uma nova moeda fez com que adotassem um cupom que era colado à antiga cédula do marco, que passou a ser chamada popularmente de “marco-tapete”.

Em Berlim, a situação tornou-se bastante complicada, pois os soviéticos queriam evitar que a cidade fosse inundada com a antiga moeda desvalorizada provinda do oeste. Em reunião da câmara de representantes em Berlim, ficou decidido que na parte ocidental passaria a vigorar o novo marco alemão. A esposa de Fritz Munk, Hildegard, descreveu a Rocha Lima um pouco da confusão que a medida causou no cotidiano dos berlinenses: todas as despesas feitas em instituições estatais na região russa tinham de ser pagas em “marcos-tapete”, mas o que podia ser adquirido nos setores ocidentais só podia ser saldado

com marcos alemães. Somente duas semanas depois de sua carta viriam as determinações que regulamentariam a situação financeira que, segundo ela, era “inimaginável” (CMIBSP, 04/07/1948). De acordo com o próprio Fritz Munk, as dificuldades diárias que tinham de enfrentar com a questão do câmbio abatiam ainda mais as pessoas (CMIBSP, 30/10/1948). Rocha Lima quis saber mais sobre o “marco alemão”. Não acreditava que a reforma monetária pudesse figurar como o começo de um alívio ou como arrancada para um crescimento robusto (CMIBSP, 05/08/1948).

Em retaliação à medida financeira adotada pelas potências ocidentais, os soviéticos bloquearam todo o acesso à cidade. Já no início de 1948 haviam sido frequentes as perturbações na circulação entre leste e oeste, justificadas por “problemas técnicos”. Desde abril daquele ano, os norte-americanos passaram a abastecer a parte ocidental de Berlim por meio de aviões, que transportavam carvão, alimentos e outros itens. Era um sinal de que a ex-capital alemã não seria deixada aos soviéticos, mas, em vez de tranquilizá-los, a medida tomada pelo general Clay passou a tirar-lhes o sono com o tráfego aéreo constante sobre a cidade, queixou-se Munk (CMIBSP, 06/07/1948). Segundo ele, os aviões zuniam sobre suas cabeças o dia todo, mas não davam conta de abastecer toda Berlim. Levavam verduras e legumes que contribuíam para uma melhora na alimentação. Apesar disso – reportou o médico – milhares de alemães estariam condenados a morrer de fome. A economia estava quase totalmente destruída e a recuperação era agravada pela falta de carvão e combustível (CMIBSP, 06/07/1948). O fornecimento de energia também foi cortado, obrigando os berlinenses a passar grande parte do dia sem luz. Ainda de acordo com Munk, o serviço de correio, que já era precário e submetido à censura, ficou ainda pior. Para ele, tais medidas eram “motivadas pelo sistema de destruição de tudo que é alemão” (CMIBSP, 30/10/1948). Mas se admirava como os berlinenses, “que já passaram por tanta coisa”, enfrentavam os novos obstáculos “de maneira valente, realista e calma” (CMIBSP, 30/10/1948).

A política de expropriação que os soviéticos realizaram ao lado do desmonte do parque industrial foi considerada “pavorosa” por Munk. A situação era muito mais grave para os berlinenses pobres “em seu longo caminho de sofrimento”, escreveu a Rocha Lima. “Não os deixam morrer, nem viver, nem trabalhar” comentou (CMIBSP, 06/07/1948). Embora estivesse do outro lado da “cortina de ferro”, Alice Madelung comentou com Rocha Lima sobre a situação na parte russa, onde estavam sua irmã e alguns conhecidos. Mesmo diante da escassez daqueles anos – escreveu – ela mandava o pouco que tinha para os familiares. Não fosse a ajuda dos amigos do exterior, a irmã

estaria passando fome, reportou ao ex-marido (CMIBSP, 04/03/1947 e 17/12/1947). Já durante o bloqueio, relatou:

Se você visse que na zona oriental a população ainda hoje não tem como, por caminhos normais, comer até ficar satisfeita, além de não ter luz, nem aquecimento, etc. – como é o caso em Berlim – então poderia concluir que nós, na zona ocidental, somos dignos de ser invejados. Onde estão os russos, grassam em toda parte miséria e sofrimento inimagináveis, que estão em crescente aumento, a menos que pertença a eles como funcionário, exatamente como funcionava antes com os nazistas. Tudo se repete novamente (CMIBSP, 07/04/1949).

A ameaça cada vez mais concreta da cortina de ferro fechar-se fez com que Fritz Munk pensasse em deixar Berlim, ideia que o acompanhava desde o final da guerra. Confessou a Rocha Lima que jamais imaginara anos atrás que as falhas dos nazistas e as omissões das potências ocidentais, por ignorância, desconfiança e arrogância, deixariam a situação chegar àquele ponto (CMIBSP, 27/08/1948). O médico alemão ficou num grande dilema. Rocha Lima defendeu que o amigo deixasse a Berlim soviética o quanto antes. Tinha plena consciência – asseverou – de que Munk encontraria boa posição em qualquer dos lados que ficasse. Sugeriu que emigrasse para a Suíça, onde já vivia uma de suas filhas, e empolgou-se com a possível mudança dele para o Brasil, ideia que em momento algum parece ter sido levada a sério pelo médico alemão. Mais sensata foi a sugestão do amigo de se mudar para a zona ocidental, onde poderia contar com mais segurança pessoal e liberdade (CMIBSP, 05/08/1948). Munk achou atraente a ideia de ir para a Suíça, mas encararia a emigração como fuga. Não queria carregar esse peso, depois de ter sobrevivido aos bombardeios, ataques e privações (CMIBSP, 06/07/1948). Além disso, vivia pessoalmente em situação confortável: morava em casa com jardim, tinha chofer e até mesmo uma casa no campo, regalia para poucos privilegiados. O posto de médico e diretor de prestigiado hospital em Berlim garantia-lhe tais vantagens. Admitiu ao amigo brasileiro que a descida da cortina de ferro implicaria restrições à liberdade e segurança pessoal, o que lhe traria bastante sofrimento. No entanto, preferia isso a viver como fugitivo, à semelhança de alguns de seus conhecidos, que, segundo ele, vagueavam feito mendigos sem destino fixo (CMIBSP, 27/08/1948).

O bloqueio imposto pelos soviéticos a Berlim foi suspenso em 23 de maio de 1949. Desde então, a vida na cidade tornou-se, de acordo com Munk, “um milagre incompreensível”. De repente puderam comprar tudo aquilo

que era impensável nos anos anteriores – comida, bebidas, roupas, carvão, velas, etc. O entusiasmo durou pouco, pois logo ninguém tinha mais dinheiro. Tinha início novo período de dificuldades, com escalada do desemprego e bancarrota. Apesar das idas e vindas, depreende-se das cartas deste período que a vida cotidiana de Munk e de Berlim assumia sua dinâmica habitual. Chegou a manifestar saudade dos tempos de miséria, quando o único consolo era sentar à escrivaninha e dedicar-se ao trabalho intelectual (CMIBSP, 02/11/1949).

O filho de Munk, Peter, descreveu a Rocha Lima quadro mais detalhado da situação depois da suspensão do bloqueio. Segundo ele, muitas coisas haviam melhorado desde então; outras permaneciam bastante difíceis. Podiam agora perceber como estavam empobrecidos: novamente tornara-se possível ter tudo o que desejavam obter, mas as possibilidades de ganhar dinheiro não correspondiam a isso. A coexistência de duas moedas em Berlim – prosseguiu Peter – enfraquecia bastante a economia. O valor da moeda oriental caía continuamente, tornando bem mais barato o custo do trabalho na zona soviética. No comércio, essa vantagem não era tão perceptível, pois, segundo ele, os produtos do leste eram bastante inferiores aos do outro lado. Em toda parte, encontravam-se operários desempregados. Como médico, também sentia dificuldades: faltavam pacientes privados e as caixas de assistência médica pagavam cada vez menos. Disse temer pela continuação dos “obscuros negócios de câmbio” operados pelos russos, que compensavam os marcos ocidentais de modo a adquirir divisas, resultando em deflação e nos efeitos dela decorrentes (CMIBSP, 20/11/1949).

Rocha Lima permaneceu atento às configurações de poder que emergiam dos escombros e no âmbito das quais se definiam os rumos que as potências vitoriosas – polarizadas pelos Estados Unidos e União Soviética – dariam à Alemanha derrotada. Segundo ele, aquela disputa por hegemonia era uma continuidade daquilo que vinha “desde os tempos dos persas, romanos e nibelungos” (CMIBSP, 24/03/1947). Considerava os Estados Unidos, que conheceu, admirado, em 1945, “um aluno esplendoroso”, que havia assimilado o que podiam oferecer de melhor os países europeus – a fonte, nos últimos séculos, de tudo o que seria bom para a humanidade (CMIBSP, 24/03/1947). Para Munk, a tensão entre os dois polos em breve deflagraria uma guerra. Não sabia se na zona oriental estariam na frente ou atrás do *front*. “O momento exato no qual irão ocorrer estes acontecimentos tão temidos ainda não pode ser determinado.” Talvez a guerra ocorresse dali a um ou dois anos, apesar da esperança dos que apostavam nas dificuldades internas da parte oriental e no enfraquecimento da propaganda comunista, o que o médico alemão considerava bastante

improvável. Qualquer passo em falso podia desencadear o conflito (CMIBSP, 28/08/1947).

Ao contrário de Munk, Rocha Lima não achava que se aproximava uma nova guerra, muito embora jornais de outros países falassem dela “com uma abertura e naturalidade que jamais havíamos visto nas duas guerras mundiais”, comentou (CMIBSP, 11/05/1948). Tanto os norte-americanos quanto os soviéticos fariam de tudo para evitá-la. Estes, em particular, não teriam nenhum motivo para fazer concessões, opinião que coincidia com a do médico alemão de que nenhum exército europeu tinha cacife para enfrentar as forças de Stalin (CMIBSP, 24/03/1947, 23/12/1947 e 11/05/1948). O brasileiro não acreditava que Berlim seria motivo para uma nova guerra: ela permanecia importante numa Alemanha unida, mas, se as tendências de divisão se impusessem, ela perderia relevo, dividindo o status de capital com alguma cidade do oeste; Frankfurt, talvez (CMIBSP, 05/08/1948).

Para Joseph Halberkann, a guerra seria “o único caminho que ajuda a Alemanha a sair dessa prisão” (CMIBSP, 02/09/1948), mesmo que todos os juízos depusessem contra ela em virtude do grau de morte e destruição ocasionado pela última:

Mas os antagonistas – USA e URSS – não poderão resolver pacificamente suas divergências, que se estendem da Europa até a Ásia. Sem a guerra, a Alemanha não receberá de volta sua parte oriental e a concentração de pessoas na Alemanha não será suportável no longo prazo; sem o leste, haverá um enorme morticínio ou uma grande emigração das massas; cientistas já emigraram bastante. Aparentemente as negociações nesse momento em Moscou parecem mais uma vez não terem levado a nada e apenas adiam o confronto definitivo. Finalmente Stalin ocupará o lugar de Hitler e minha opinião é como a de Catão – a Rússia deve ser destruída (Delenda est Russia) (CMIBSP, 02/09/1948).

Rocha Lima não compartilhou dessa opinião. Segundo ele, todos sabiam naquele momento que numa guerra não se tinha “absolutamente nada para ganhar e, seguramente, muito para se perder”. O preço a ser pago em favor de uma paz duradoura, baseada no equilíbrio de poderes, seria “a trágica divisão política da Alemanha” (CMIBSP, 05/08/1948 e 11/05/1948). Já delineada com a reforma monetária em ambas as partes, ela concretizou-se a partir do bloqueio de Berlim. Em negociação com lideranças e representantes alemães eleitos, as potências ocidentais articularam a formação de um conselho parlamentar que deu origem, em 23 de maio de 1949, à lei fundamental, base constitucional da República Federal da Alemanha, sediada em Bonn. Uma constituição só viria

depois da unificação efetiva do país, crença que foi solapada com a criação, em 07 de outubro de 1949, da República Democrática Alemã. A separação do país era agora um fato e parecia ser um passo sem volta em vista do estado de tensão entre americanos e soviéticos. A república de Bonn seria “o bebê de proveta da Guerra Fria” (Janecke, 2002, p. 29). Surgia de um acordo entre senhores, sem participação popular. Sequer sua data de fundação – 23 de maio de 1949 – inscreveu-se no imaginário do povo alemão como uma data significativa (Janecke, 2002).

Rocha Lima viu com olhos críticos e temerosos a precária estabilidade da ordem que emergiu dos escombros da guerra. Para ele, o triunfo comunista na China e o início da Guerra da Coreia, em junho de 1950, apontavam para um período de tensões crescentes, em que a paz estaria assentada “sobre um tonel de pólvora”, conforme se expressou tempos atrás (CMIBSP, 11/05/1948). “A Rússia engolirá facilmente esse grave abalo de seu prestígio como poder tutelar do comunismo?”, indagou a Munk em outubro de 1950. Esperava que o crescente armamentismo na Europa contrabalançasse a tendência de enfrentamento entre norte-americanos e soviéticos (CMIBSP, 24/10/1950). Antes mesmo da deflagração do conflito na Coreia, já apontara para certo “nervosismo” que notava entre os norte-americanos diante da expectativa de frear em todos os territórios possíveis a penetração soviética. Além da bomba atômica que selara o fim da Segunda Guerra, o mundo contava com outra arma de efeito destruidor igualmente possante: a bomba de hidrogênio. Norte-americanos e soviéticos procuravam manter o equilíbrio de poderes no mundo diante da ameaça velada de mandar tudo pelos ares. Irônico, comentou Rocha Lima com o amigo alemão: “A vitória da democracia sobre a Alemanha libertou o mundo do medo de forma realmente admirável. *Heil*, Roosevelt! (CMIBSP, 12/04/1950).

Ao ex-professor da Escola Paulista de Medicina, Walter Büngeler, Rocha Lima manifestou temor com o conflito na Coreia: “Estamos diante de uma nova catástrofe? Eu não quero acreditar nisso.” Desta vez, o Brasil não estaria tão longe da linha de tiros como antes. “Mesmo qualquer cidade que se localize distante poderá tornar-se uma Hiroshima”, escreveu. Abalos internos também não seriam improváveis. O domínio comunista – alardeou – seria muito mais perigoso no Brasil do que na Alemanha (CMIBSP, 01/07/1950). Em descrição da situação política de seu país, o pesquisador salientou, além da escalada dos impostos e os “déficits astronômicos” de uma administração pública “perdulária”, a perseguição ao comunismo, que segundo ele causava grande medo. “Apenas nesse sentido espera-se que os Estados Unidos nos acolham em seus braços. Tomara que isto não aconteça muito tarde!”, advertiu (CMIBSP, s.d.).

Tão receoso ficou com a possível deflagração de uma guerra mundial decorrente do conflito na Coreia, que Rocha Lima declinou do convite de participar do jubileu de 50 anos do Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo. Ele retornaria à Alemanha dois anos depois, quando foi nomeado doutor *honoris causa* pela Universidade de Hamburgo. Os registros desta viagem não são muito abundantes no arquivo do pesquisador.

Holocausto, desforra dos vencedores e descrença na humanidade

O retrato que emerge da correspondência passiva de Rocha Lima depois da Segunda Guerra confere cores vivas ao drama vivido por alemães comuns depois da rendição dos nazistas. De uma forma geral, os missivistas se colocam na condição de vítimas, posicionam-se criticamente em relação às potências aliadas – russos ou ocidentais –, mas deixam à sombra o morticínio de milhões de judeus, opositores do regime, doentes mentais e outros grupos perseguidos. Os três principais personagens dessa narrativa – Fritz Munk, Joseph Halberkann e Alice Madelung – fizeram questão de afirmar ao amigo brasileiro seu não envolvimento com o regime nazista e com as barbáries cometidas pelos seus líderes, das quais a própria população alemã teria sido vítima, iludida pelos dispositivos de propaganda. Em alguns casos, reconhecem como criminoso o destino dado a segmentos da população alemã e de outros países, mas esquecem o apoio que parte expressiva daquela sociedade a um governo que se estendeu por 12 anos. De acordo com Tony Judt (2008), esse pacto de esquecimento teria sido o próprio solo a partir do qual foi possível a construção de uma nova ordem. Especialmente na Alemanha, onde, segundo ele, “havia muito que se esquecer”, ainda mais mediante os muitos laços de continuidade que atavam a República de Bonn ao regime anterior.

Não surpreende que Rocha Lima tenha compartilhado desse pacto de silêncio com os amigos e conhecidos alemães. Suas identidades pessoal e profissional estavam profundamente ligadas ao país que perpetrara os horrores inauditos da Segunda Guerra. Em 1938, ele fora distinguido com condecoração oferecida pelo governo nazista aos estrangeiros. Com Munk e os demais, rejubilou-se com as conquistas diplomáticas, territoriais e militares de Hitler e seus oficiais, como já dito anteriormente.

O fato da correspondência de Rocha Lima ser lacunar, em virtude do próprio percurso de seu acervo documental até os dias de hoje, acentua ainda mais esse silêncio. Uma das cartas a Munk em que ele parece abordar

diretamente a questão do holocausto, de outubro de 1947, é interrompida por falta da página seguinte. Da parte que chegou até nós, depreende-se que o pesquisador brasileiro explicitaria os sentidos dos crimes nazistas no quadro mais amplo da “mentalidade alemã”:

Entre as pessoas que nunca conheceram a Alemanha, as desumanidades realmente tenebrosas que foram cometidas aos judeus e opositores poderiam causar um preconceito generalizado contra os alemães. Mas os conhecedores da mentalidade alemã e, em particular, os admiradores das suas realizações e capacidades... (CMIBSP, 08/10/1947).

Bastante esclarecedora de seu posicionamento poderia ser a correspondência com o bacteriologista de origem judaica Martin Mayer, mas ela também não é completa. Das linhas escritas por Mayer depois de 1945 emerge, como esperado, quadro bem distinto daquele reportado pelos demais alemães a Rocha Lima. Em carta de janeiro de 1946, ele expôs todo seu ressentimento e as razões pelas quais não compartilhava da compaixão que o amigo brasileiro sentia pelo destino dos alemães:

Agora, vamos tratar do destino dos alemães, que você tanto lamenta [...] Todos os oficiais participaram dos assassinatos e sofrimentos dos prisioneiros e os repatriados dos quais você tanto se compadece eram nazistas contumazes, que com volúpia se instalaram nas fazendas dos povos balcânicos assassinados, lituanos, etc. Você sabe bem pela leitura dos relatórios dos delegados de Truman que eles foram tratados melhor que os milhares de judeus famélicos que foram resgatados. Eu sei ainda mais pela carta de um oficial americano em Munique dos primeiros meses depois da libertação. Você pode deduzir como funciona a propaganda antissemita pelo relatório inverossímil do general Unrra sobre mil refugiados judeus poloneses bem nutridos e carregando muito dinheiro em trens extras, o qual não foi desmentido, sendo que apenas oito dias depois foi publicado inclusive nos jornais daqui, imagem oficial americana da alimentação de judeus famintos, quase nus, que por três semanas viajavam numa ferrovia para a zona americana. Claus Schilling – o que eu também não compreendo – fez experimentos (ele pediu para prorrogar sua execução até terminar o trabalho, eu ouvi na América). Desenvolveu-se um sadismo coletivo, de massa, num povo acostumado à obediência cega e às ordens militares [...] Perdoe a comoção, mas

you can be interested in knowing what we will suffer. My son Fritz, with his wife and child, already in the autumn of 44 were deported from Teresienstadt to Auschwitz (camp of extermination by gas) and, by indirect news, were destroyed together with my mother-in-law, just as my brother-in-law and his three children were; other reports ended in a small hope that Fritz had been selected for a camp of forced labor and fled to Russia, but in this case he would have found a way to get in touch. A cousin of my wife died of typhoid three days before liberation. My brother-in-law was imprisoned in 1943, in Pizsa, and disappeared. My youngest niece was with me in the maquis¹⁰ when she was shot. In a year I had a son, who was taken by the Nazis and now passes cold and hunger together with others in Paris [...] Now you understand why I write in this way so bitter (CMIBSP, 29/01/1946).

Em novembro de 1946, Mayer escreveu a Rocha Lima em resposta à carta sua que infelizmente não foi localizada. Ele disse não estar de acordo com nada concernente aos aspectos políticos aduzidos pelo amigo brasileiro. Declarou não ter raiva, mas para ele os 65 milhões de alemães também tinham culpa, “o que você não quer reconhecer”, acrescentou, mas ninguém tinha feito nada contra as atrocidades nazistas, mesmo quando isso era possível aos cientistas em 1933 e 1934, argumentou. Apesar de toda lamúria, a alimentação dos alemães sobreviventes – afirmou Mayer – era muito melhor do que a dos franceses, que não dispunham de um mercado negro onde adquirir as mercadorias. O fato de que figuras de proa da liderança nazista estavam livres demonstrava a suavidade da punição. “Para mim é claro que pessoas que por anos a fio gozaram das vantagens de serem membros do Partido, sem coragem de deixá-lo por medo de pequenos prejuízos materiais, devem também expiar sua culpa”, escreveu (CMIBSP, 18/11/1946).

O acervo de Rocha Lima inclui esboço de uma resposta que endereçou a Mayer. Se ela de fato foi escrita daquela forma e se chegou às mãos do bacteriologista, não é possível saber. De qualquer forma, dá para ter uma ideia do posicionamento do brasileiro frente à questão judaica. Ele argumentou que tinha a vantagem de ser um espectador não participante e que, por isso, podia julgar “o terrível drama mundial” de forma clara, tranquila e desapaixonada. Do mesmo modo que compreendia o julgamento arrebatado de Mayer, pediu por compreensão.

¹⁰ Grupo de resistência antinazista inicialmente formado por homens que fugiam do recrutamento de trabalho forçado, que depois passou a incluir ações organizadas contra o governo colaboracionista de Vichy.

A diferença de opinião – esclareceu – baseava-se apenas no argumento de que alguém na Alemanha do Terceiro Reich teria condições de criticar, denunciar ou impedir os crimes de um Partido extremista, fanático, violento e extremamente identificado com o povo de sua pátria. Segundo Rocha Lima, o país era como um campo de prisioneiros políticos, em que a ilegalidade e privação de direitos eram os fundamentos da postura dos internos. Só dessa forma podia compreender a postura passiva que os judeus haviam mantido por tantos anos: em vez de vingarem as mortes e reagirem, como faziam agora os judeus palestinos diante dos ingleses, teriam suportado tudo de forma silenciosa. A punição para os judeus não seria muito diferente do que a dos não judeus que ousassem voltar-se contra o Partido e seus caciques. Da mesma forma que sempre considerara uma injustiça humana os atos contra os judeus – prosseguiu Rocha Lima – também via como injustos os procedimentos contra os milhões de alemães que não eram nazistas, nenhuma culpa tiveram nos crimes e, portanto, não podiam ser responsabilizados. A verdadeira compaixão deveria aplicar-se a todos que eram alvos de injustiça, sem olhar grupo, partido, nacionalidade ou raça. A generalização a todo um país de características de apenas parte dele seria a responsável pelas paixões descontroladas que levavam a injustiças sem sentido, argumentou o pesquisador. Por mais respeito que tinha pelo “espírito judaico” e da enorme perda que via na exclusão dos judeus da sociedade alemã, achava um exagero a afirmação de que a Alemanha não poderia seguir adiante sem eles. De qualquer forma, não tinha intenção de converter ninguém que pensasse de forma diferente. Podia respeitar até mesmo quem achasse que o ser humano era o coroamento da criação divina (CMIBSP, s.d.).

A ironia estava relacionada à postura de Rocha Lima de ceticismo pela espécie humana diante dos horrores da Segunda Guerra, do procedimento das potências vencedoras, do drama vivido pelos alemães e das disputas de poder que ameaçavam trazer cataclismo de proporções ainda maiores. Em carta a Fritz Munk de março de 1947, escreveu: “O *Homo Sapiens* é o único fracasso grave da criação, o qual eu gostaria de vaiar diante do impiedoso criador, se com isso eu não temesse ferir os sentimentos profundamente arraigados que os decentes devotos conservam.” E concluiu: “Não há nada tão repugnante como o gênero humano” (CMIBSP, 24/03/1947). Em sua opinião, desde 1933 o lado negro e monstruoso da humanidade desenvolvia-se com intensidade cada vez maior, até tornar-se fonte de orgulho. “E nós, que até 1914 éramos orgulhosos de nossa civilização europeia, que aprendeu a considerar toda monstruosidade da história como incompletude da cultura”, refletiu. Havia imaginado que tais monstruosidades – prosseguiu – jamais se

repetiriam, mas há pouco haviam sido obrigados não só a assistir a elas como espectadores, como também temer pelo futuro (CMIBSP, 24/03/1947). Noutro momento tornou a identificar 1914 como marco de uma ruptura que, em sua opinião, havia desfeito “o equilíbrio orgânico do mundo”: “Nós frustramos o significado de todos os princípios morais que fundamentam a cultura dos povos. Porém, a ilusão foi um sonho agradável” (CMIBSP, 08/10/1947).

Considerações finais

Rocha Lima permaneceu um defensor da cultura alemã até sua morte, em 1956. Como dito anteriormente, ele visitou a Alemanha em 1952. Pouco antes, o amigo Fritz Munk havia falecido. Em perfil escrito dez anos depois da morte do cientista brasileiro, o jornalista Paulo Duarte, de quem fora amigo, procurou desassociar a imagem do homenageado da imagem da Alemanha nazista: “Nunca foi um hitlerista como diziam alguns dos seus detratores mais sem escrúpulos, porque quando pensava na Alemanha, pensava menos em Hitler ou Rosenberg do que em Goethe, em Einstein, em Bach ou em Wagner, principalmente Wagner” (CMIBSP, 13/05/1966). A forte identificação com a Alemanha certamente contribuiu para projetar uma sombra sobre a memória de Rocha Lima.

Das cartas que trocou com os amigos e conhecidos alemães é possível depreender o posicionamento de cidadãos comuns diante do colapso que sobreveio com a rendição nazista e dos procedimentos dos governos de ocupação. A muitos não passou despercebida a contradição entre o discurso democrático e as práticas de controle da população, censura, punição e medidas de estrangulamento do crescimento industrial e econômico.

Os missivistas de Rocha Lima refletem a postura de parte significativa da sociedade alemã no pós-guerra: vítimas da desforra dos vencedores, queriam ter o caminho livre para retomar suas vidas, enterrando o passado tenebroso junto com os escombros. É possível notar certa irritação com a postura de superioridade moral implícita no discurso das potências aliadas. O pesquisador brasileiro não ficou indiferente ao sofrimento de seus conhecidos: sentiu compaixão e procurou contribuir através do envio de pacotes com mantimentos.

As linhas escritas por Rocha Lima e seus correspondentes nesse período apontam para a consciência de uma ruptura, em meio à qual emergia uma nova ordem. Esse posicionamento alude aos paradoxos que foram característicos daquele período. Uma testemunha daqueles anos sintetizou esse “espírito”: “Todos os caminhos estavam abertos; todas as tradições, superadas. O passado estava morto; ele próprio havia se condenado” (Janecke, 2002, p. 29). “Vivemos num novo mundo, pelo qual

milhões de vidas humanas foram sacrificadas. Também na época dos astecas os sacrifícios humanos impulsionaram a política humana”, escreveu Rocha Lima a Fritz Munk em abril de 1947 (CMIBSP, 22/04/1947).

A correspondência aqui apresentada reforça a ideia de que as cartas constituem meio bastante conveniente de estudo do passado, que ganha vivacidade ao permitir-nos acessar os registros de um diálogo envolvido subjetivamente. As tramas da história desenrolam-se através dos relatos que registram os dramas, impressões, desafios, expectativas, conflitos, decepções e críticas daqueles cuja motivação da existência muitas vezes se restringira, como escreveu Alice repetidas vezes, à obtenção do pão de cada dia. Ela e os demais documentaram em suas cartas o ambiente catastrófico em meio ao qual grassou muitas vezes a desesperança, mas que, ao mesmo tempo, sinalizou para algo novo que esperavam surgir dos destroços. Um choro de bebê surge dos escombros – com essa imagem Rainer Fassbinder inicia seu retrato da Alemanha pós-Segunda Guerra em *O casamento de Maria Braun*, apontando para esse paradoxo de destruição e nascimento, desilusão e esperança.

Referências

- ELIAS, N. 1997. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 431 p.
- EVANS, R. 2012. *O Terceiro Reich em guerra: como os nazistas conduziram a Alemanha da conquista ao desastre (1939-1945)*. São Paulo, Editora Planeta, 1.040 p.
- GOMES, A.C. (org.). 2004. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro, Ed. FGV.
- JANECKE, H. 2002. Absturz und Aufstieg – die Stunde Null. *Geo Epoche*, 9(2):28-31.
- JUDT, T. 2008. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro, Objetiva, 880 p.
- MANNWEILER, E. 1998. *Geschichte des Instituts für Schiffs- und Tropenkrankheiten in Hamburg, 1900-1945*. Kelttern-Weiler, Goecke und Evers, 245 p.
- MOURA, G. 1980. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 194 p.
- RINKE, S.H. 1996. *Der letzte freie Kontinent: Deutsche Lateinamerikapolitik im Zeichen transnationaler Beziehungen, 1918-1933*. Stuttgart, Heinz, 2 vols., 836 p.
- SILVA, A.F.C. da. 2011. *A trajetória científica de Henrique da Rocha Lima e as relações Brasil-Alemanha (1901-1956)*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado em História das Ciências. Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ.
- SNOWDEN, F. 2006. *The Conquest of Malaria: Italy, 1900-1962*. New Haven, Yale University Press, 296 p.
- SNOWDEN, F. 2008. Latina Province, 1944-1950. *Journal of Contemporary History*, 43(3):509-526.
<http://dx.doi.org/10.1177/0022009408091838>
- SÖSEMANN, B. 2002. Propaganda und Öffentlichkeit in der “Volksgemeinschaft”. In: B. SÖSEMANN (org.), *Der Nationalsozialismus*

und die deutsche Gesellschaft: Einführung und Überblick. Stuttgart/München, Deutsche Verlags Anstalt, p. 114-154.

SÜSS, D.; SÜSS, W. 2008. Volksgemeinschaft und Vernichtungskrieg. In: D. SÜSS; W. SÜSS, *Das Dritte Reich: Eine Einführung*. München, Pantheon Verlag, p. 79-102.

Fontes primárias

- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 02/09/1948. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 09/06/1934. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 20/10/1938. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 12/09/1939. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 11.04.1940. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 27.04.1940. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 22/11/1941. Carta de Martin Mayer a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 06/12/1941. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 10/03/1944. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 24/12/1945. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 02/01/1946. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 29/01/1946. Carta de Martin Mayer a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 19/06/1946. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 19/06/1946. Carta de Joseph Halberkann a Kohring. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 14/08/1946. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 18/09/1946. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 21/09/1946. Carta de Alice Madelung a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 11/11/1946. Carta de Alice Madelung a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.

- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 18/11/1946. Carta de Martin Mayer a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 12/12/1946. Carta de Martin Mayer a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 26/01/1947. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 04/03/1947. Carta de Alice Madelung a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 24/03/1947. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 22/04/1947. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 11/05/1948. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 12/05/1947. Carta de Walter Bün-geler a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 26/05/1947. Carta de Alice Madelung a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 04/06/1947. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 28/08/1947. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 05/10/1947. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 08/10/1947. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 20./10/1947. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 04/11/1947. Carta de Alice Madelung a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 09/11/1947. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 17/12/1947. Carta de Alice Madelung a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 23/12/1947. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 25/03/1948. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 25/04/1948. Carta de Alice Madelung a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 11/05/1948. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 20/06/1948. Carta de Alice Madelung a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 04/07/1948. Carta de Hildegard Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 06/07/1948. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 23/07/1948. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 04/08/1948. Carta de Alice Madelung a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 05/08/1948. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 17/08/1948. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 27/08/1948. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 02/09/1948. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 16/09/1948. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 30/10/1948. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 31/10/1948. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 12/01/1949. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 01/02/1949. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 16/02/1949. Carta de Alice Madelung a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 07/04/1949. Carta de Alice Madelung a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 02/09/1949. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 13/09/1949. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.
- CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 02/11/1949. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.

CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 20/11/1949. Carta de Peter Munk a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.

CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 28/12/1949. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.

CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 15/01/1950. Carta de Joseph Halberkann a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima.

CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 12/04/1950. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.

CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 01/07/1950. Carta de Rocha Lima a Walter Büngeler. Fundo Rocha Lima.

CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 24/10/1950. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.

CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). 13/05/1966. Duarte, Paulo, "Rocha Lima", *Folha de S. Paulo*, Fundo Rocha Lima.

CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). [s.d.]. Carta de Rocha Lima a Fritz Munk. Fundo Rocha Lima.

CENTRO DE MEMÓRIA DO INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO (CMIBSP). [s.d.]. Esboço de carta de Rocha Lima a Martin Mayer. Fundo Rocha Lima.

Submetido: 01/01/2013

Aceito: 03/04/2013